



LIBERDADE

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
www.celip.cjb.net # CAIXA POSTAL 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - BRASIL # e-mail: celip@bol.com.br
Reuniões do CELIP todas às terças, às 18:30 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9:00h às 17:00h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

A JOGATINA ELEITORAL E OS INTERESSES DO POVO

Estamos no ano derradeiro da transição política no Brasil. Pela primeira vez em toda a história do país, a esquerda tem a chance de vitória nas urnas. Dizemos esquerda no sentido mais amplo e generoso, pois sabemos que a "esquerda" que tem a chance de ganhar esta eleição não é a esquerda que precisamos. Que esquerda é esta que poderia um dia ter uma vitória nas eleições do regime democrático-burguês? Estamos dizendo o óbvio. Em tese, para quem não conhece ou não é familiarizado com a política, a opção de denunciar a realidade ou então apostar em quem sabe talvez ter uma vitória programática nas urnas é uma opção de esquerda reformista.

Assim, o reformismo radical expresso pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos 1980-1990 (de sua fundação até a derrota nas eleições de 1989), hoje é a bandeira do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU, ex-Convergência Socialista, Liga Internacional dos Trabalhadores, LIT). Na linha de "denuncismo leninista", de apresentar um programa "revolucionário" para a mobilização das massas, está o Partido da Causa Operária (PCO, representante brasileiro de uma das versões da 4ª Internacional trotsquista, racha do PSTU, na época CS, em 1982). As opções do sistema e das elites se um dia houvesse uma chance de vitória da esquerda reformista com programas autênticos (como são os programas do PSTU e PCO, como era o programa do PT em 1989) é o golpe militar, o golpe branco, a fraude eleitoral e outras formas de virada de mesa. Companheirada, no Brasil e na América Latina, o processo eleitoral para a esquerda é: "se tiver chance de ganhar será roubada", "se ganhar não leva", "se levar não cumpre o programa" e, se por algum milagre conseguir cumprir o programa, "não termina o mandato e toma um golpe".

Se o PT hoje não representa sequer uma opção reformista, o que representa então? O que significa a candidatura Lula para as lutas populares no Brasil? Além da disputa e da baixaria eleitoral, se o PT ganhar, vai levar? Entendemos que o PT é, hoje, o verdadeiro partido social-democrata no Brasil e, que uma vitória de Lula até poderia dar em alguma melhora parcial da vida da maioria dos brasileiros. Entretanto, ainda que seu governo quisesse fazer algo de mais profundo (e não quer!), simplesmente as possibilidades que terá no exercício do Executivo do Poder de um Estado capitalista periférico como o brasileiro é muito pequena, quase nenhuma. E, se o PT ganhar, além de alguma mobilização por parte dos setores ainda combativos (os ligados ao Movimento Sem Terra, e seu guarda-chuva de movi-

mentos sociais aliados), vai haver uma estabilidade de governo e regime, sem nenhuma política distributiva importante. Isto seria uma medida de reforma e distribuição de renda de impacto, o que literalmente quer dizer: tirar um pouco que seja da elite que têm e redistribuir para quem não tem nada! E isso nem o PT e sua frente de aliança de classes (PC do B, PCB, PL), nem o populismo tardio (Garotinho, com metade do PSB), nem a oligarquia renovada (Ciro e a salada de PDT, PTB, PPS além de partes do PFL e do PPB) e nem o capital pesado e financeiro (Serra, PSDB, PMDB, as outras partes do PFL e PPB e o que restar da direita política) vão fazer. Ou seja, nossa parte nesse bolo, nós é que teremos que tomar deles!

Falando com a máxima sinceridade e franqueza, no Brasil, a distribuição de renda e a socialização das riquezas (uma parte que seja), ou a gente arranca isto da elite na marra, ou vamos ficar o resto de nossos dias esperando o vale-gás, bolsa-escola, cesta básica, vale-idoso, primeiro emprego, tíquete do leite e outras esmolhas governamentais. No capitalismo, distribuir renda é aumento de salário, educação pública massiva e de qualidade, oferta de emprego e acesso ao crédito barato. No Brasil, boa parte destes direitos foram conquistados no pau e na base, na greve e na rua, com heróicos e anônimos militantes operários (de orientação anarquista) nas primeiras 3 décadas do século XX.

Se já sabemos que nada está em jogo nesta jogatina eleitoral, espetáculo burguês de falsa participação política, o que podemos fazer de mais construtivo nesse exato momento? Antes de passar aos pontos de programa, é sempre bom ressaltar que os anarquistas são a corrente política de intenção revolucionária que entende que a única revolução possível é a que é feita pelo povo. Onde o povo, e nós como parte dele, somos e seremos protagonistas de nossos próprios destinos. Para isso, trabalhamos e suamos na ralação da militância de base e inserção, além da militância política organizativa (como anarquistas) durante todo ano, anos e anos seguidos, por toda uma vida. Nossa ideologia não admite e nem permite a criação de burocracias profissionais em suas fileiras. Somos trabalhadores e estudantes que militam com nosso próprio esforço coletivo. Essa é nossa opção e para onde nos guia a necessidade e a consciência de classe e povo.

Especificamente no que diz respeito aos programas de governo e a jogatina da competição pelo voto, algumas orientações podem ser bastante úteis e queremos contribuir expondo elas aqui:

Continua na página 4

"Há homens que, no mundo, vivem mortos. E há mortos que, no mundo, vivem."

Nicolas Walter

AS BOCAS

FEDERALISMO E CENTRALISMO

A vida é o resultado da associação natural das forças da natureza.

Quando há miríades de séculos, os habitantes do planeta já existentes observavam o espaço ao redor do nosso atual Sol, eles haviam de descobrir uma pequena névoa, girando-lhe ao redor. Com o perpassar monótono do tempo, aquela névoa foi se unindo, congregando, solidificando, até adquirir uma forma que, com os movimentos de rotação e revolução que lhe imprimiam as leis da gravidade e a atração solar, tornou-se redonda e um pouco achatada nas extremidades. A Terra é, portanto, o resultado da associação de forças e elementos diversos. A água é também o resultado da associação de diversos gases, entre eles o oxigênio e o hidrogênio. Os corpos sólidos, líquidos e gasosos são, portanto, o resultado da associação de gases e forças diversas.

A vida, enfim, não existiria se a associação não fosse uma verdade. É por isso que nenhuma razão ou lógica assiste aos individualistas ou, mais acertadamente, aos egolatristas.

O homem, para não sofrer as sanções da natureza, precisa estudar suas leis, para, com conhecimento de causa, delas poderem auferir o máximo resultado possível. Contra as leis da natureza, a vida tornar-se-ia em sofrimentos, torturas e morte.

E a natureza não perdoa nunca. A dor é o látigo com que a natureza nos chama atenção para todas as infrações de suas leis.

Por ela nos lembramos das necessidades fisiológicas, por ela evitamos o fogo que abreviaria nossa vida, a água que nos asfixiaria pela falta de oxigênio livre para nossos pulmões, etc. Quantos suicídios não tem esse latejo natural evitado evitado que se perpetrassem?

Nenhum homem chegaria a velhice se a natureza não estivesse sempre alerta, com a fiscalização da dor, para impedir que o gênero humano desaparecesse. Há tantos momentos nos quais todos os homens se sentem dispostos a desertar da vida, que, apesar dessa sanção, alguns conseguem fazê-lo.

É que a mãe Natureza quer que a vida seja bem vivida e o mais amplamente possível.

A classe trabalhadora quer viver, precisa viver e tem direito a viver. Para isto deve estudar as leis da natureza e segui-las com o máximo conhecimento possível.

A lei suprema da natureza é a Harmonia.

Os trabalhadores modernos querem a harmonia, para que a vida humana caminhe para a felicidade...

Forças diversas formam os elementos, elementos diversos formam as nebulosas, nebulosas diversas evoluem até formar os mundos. Estudando estas forças nos elementos, veremos que elas agem autonomamente e que, apesar de unidas, não perdem a sua autonomia ou sua liberdade.

O oxigênio que se uniu ao hidrogênio e hoje formou a água, nada perdeu de sua qualidade, de sua essência a amanhã, naturalmente deixará o seu companheiro e irá alimentar a combustão do organismo de algum peixe, transformado pelas guelras dele, sem que por isso tenha também perdido sua qualidades intrínsecas.

E por isso que, querendo viver de acordo com as leis da natureza,



Domingos Passos - início de 1927

reza, os trabalhadores optaram pelo federalismo. Federalismo é uma doutrina que, ao contrário do Centralismo dos políticos e dos soviéticos, congregam homens diversos em organismos ou sociedades na federação, sem perda da autonomia societária. Congregam ainda as federações nas confederações e, estas, nas internacionais, mantendo impoluta a autonomia em toda sua plenitude. Nada de escravidão: internacional, confederal, social ou individual.

Tal qual as relações existentes entre as constelações solares, os planetas, satélites, cometas, os minerais, os vegetais, os animais, etc. A vida enfim.

Suprema harmonia, na qual todos vivendo sua vida própria, concorrem para a vida total...

O Centralismo, ao contrário, é a negação da autonomia do indivíduo, colocada nas mãos do presidente ou do *presidium* ou seu organismo ou partido político. Negação ainda deste partido político ou organismo colocado nas mãos dos chefes da Internacional...

Internacional!!!! Não, só erradamente ou mistificadamente pode-se na linguagem centralista falar em federações, confederações e internacionais ou intenações.

Em centralismo, formado o partido ou seita, os chefes deste partido ou seita dão ordens e todos os seus adeptos cumprem-nas sem hesitação, sem discussão.

Haja vista a Igreja Católica Apostólica Romana, a mais formidável organização centralista que o mundo possui.

Na igreja, não há federação de católicos da China, França, Portugal ou Brasil. Ela é a Igreja Católica Apostólica Romana em todo o mundo porque o poder da igreja está centralizado nas mãos do Vaticano.

Os partidos de atuação religiosa, sabendo o quanto repugna ao povo trabalhador e aos homens pensantes o centralismo, procuram mistificar as suas pretensões com os nomes de federações, confederações e internacionais.

A federação e confederação presume-se a reunião de indivíduos livres numa mesma cidade, região ou nação.

Internacional é o livre acordo estabelecido por cima das fronteiras ou divisão política dos povos, é enfim, o auxílio mútuo praticado entre nações.

Não, camaradas, a única doutrina compatível com o desenvolvimento intelectual e social do século, é a negação da escravidão, o estabelecimento da sociedade livre das peias que o obscurantismo e a ignorância de um lado, e a desenfreada ambição do outro criaram.

Unamo-nos, pois, ao redor do rubro pendão do federalismo anárquico, para o estabelecimento de uma sociedade de iguais, onde os chefes, *presidiuns* e presidentes sejam amargas recordações do passado.

Domingos Passos (A Plebe nº 257, 06/08/1927)

Nota: Domingos Passos, chamado por seus contemporâneos de "Bakunin brasileiro", era carpinteiro, militante sindical e anarquista. Foi membro da COB, da FTRJ, da FORJ e da *União dos Operários em Construção Civil*; colaborador da imprensa operária e libertária; o mais perseguido anarquista dos anos 20. Foi preso dezenas de vezes, tendo sido deportado em 1924 para o campo de concentração da Clevelândia do Norte (atual Estado do Amapá). Fugiu para a Guiana e, depois, para Belém, tendo retornado ao Rio de Janeiro com o fim do governo Bernardes, engajando-se imediatamente na luta sindical. Em 1927, perseguido em São Paulo pela sua atuação na FOSP e nas agitações pró-Sacco e Vanzetti, seguiu para o Sul do país, onde foi capturado e reconduzido a capital paulista. Após um longo período na prisão, com a saúde muito debilitada, foi enviado para Sengés, no ainda selvagem interior do Estado de São Paulo. A partir daí, desconhece-se o paradeiro desse que foi um dos mais importantes militantes anarquistas e sindicais brasileiros não só dos anos 20, como do século 20. Mais informações e textos de Domingos Passos, visitem a página do *Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos*: www.nodo50.org/insurgentes/

**Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 3,00).**

**Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)**

Tiragem: 2.000 exemplares.

**Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.**

Assine o Libera... Apoie a imprensa libertária!

SENTIDO E LIMITES DA PROBLEMÁTICA DO PODER EM FOUCAULT

O problema do poder, um dos problemas centrais do pensamento de Foucault, é também objeto privilegiado de meditação para uma longa série de filósofos modernos que vai desde Rousseau até Nietzsche, passando por Hegel, e desde Locke até Marx, passando por Proudhon.

A singularidade da posição foucaultiana consiste na perspectiva genealógica que implica "redescobrimiento metódico das lutas e memória bruta dos enfrentamentos". A genealogia é, com efeito, para Foucault, "o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais: o acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais." A condição de possibilidade da genealogia é a eliminação do que denomina "a tirania dos discursos globalizantes com sua hierarquia e todos os privilégios da vanguarda teórica". Esta condição supõe uma desconfiança absoluta na categoria de totalidade, que é o pressuposto de toda ontologia e de toda metafísica desde os presocratas até Hegel. Então esta desconfiança, facilmente explicável em termos históricos e ainda biográficos, deve ser examinada em seus fundamentos o qual não só serviria para aclarar o sentido do pensamento foucaultiano mas também quicá para abrir para uma nova ontologia e uma nova visão de ser e da totalidade.

Mas deixemos, por agora, esta inquisição, demasiado profunda para ser tratada nos limites de uma palestra, e atentemos ao próprio problema do poder. Foucault se pergunta: "Que é este poder cuja irrupção, força, desenvolvimento e cujas medidas de segurança tem desaparecido no curso dos últimos 40 anos no estalido do nazismo e no retrocesso do estalinismo? Que é o poder, ou melhor - posto que seria justamente o tipo de pergunta que quero evitar (quer dizer, a pergunta teórica que coroa o conjunto). - quais são em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem, em diferentes níveis da sociedade, em setores e com extensões tão variadas?"

Dentro deste marco genealógico recoloca Foucault, em primeiro termo, uma problemática que constitui o eixo e o miolo de todas as discussões da filosofia política desde a aparição das primeiras manifestações do pensamento socialista. Estas discussões entre os defensores do conceitualismo e do livre-cambismo por uma parte, e os socialistas das diversas escolas por outra, se prolongam logo no seio do pensamento socialista e originam a oposição entre centralistas e federalistas, isto é, entre marxistas e anarquistas. "A análise do poder ou dos poderes, pode de um modo ou outro, deduzir-se da economia?"

Com perspicácia histórica adverte Foucault que, apesar das enormes diferenças, há um ponto em comum entre a concepção jurídica e liberal do poder político (a de Rousseau, Locke e Montesquieu, por exemplo) e a concepção marxista, e que este ponto em comum é o economicismo da teoria do poder. No primeiro caso, o poder é considerado como um direito que se possui ao modo de um bem e que, por conseguinte, pode-se transferir ou alienar através de um ato jurídico ou através da cessão ou o contrato funda o direito. No segundo caso, o poder tem a finalidade de manter as relações de produção e a dominação de classe, o qual significa que o poder político tem sua razão de ser histórica na economia.

De tal maneira, na concepção liberal e contratualista, o poder econômico é modelo do poder político, na concepção marxista, é fundamento do mesmo.

Foucault se coloca, a este propósito, duas questões:

- 1) O poder está sempre subordinado à economia?
- 2) O poder é algo que participa do modelo da economia? (se possui, se adquire, se cede?)

O pensamento socialista do século passado já colocou esses dois problemas e lhes deu soluções diferentes.

O primeiro se desenvolve através da polémica entre marxistas e bakunistas: uns consideram o poder político e o estado como uma superestrutura das relações de produção baseadas na exploração do trabalho; os outros o vêem, melhor, como a estrutura básica sobre qual se implantam as relações de produção que supõe a exploração do trabalho.

E é preciso notar que Foucault não tem em conta este fato: que os anarquistas supõe por uma parte que a economia condiciona a política e, pela outra, que a política condiciona a economia, numa sorte de círculo dialético, mas na origem histórica do poder, primeiro põe um ato político e depois um ato econômico. Nisto estes se diferenciam profundamente dos marxistas.

Com respeito ao segundo problema colocado por Foucault haveria de recordar igualmente que se, para o contratualismo liberal, o poder é algo que participa do modelo da economia (que se possui, se adquire, se cede, por contrato ou força) para o pensamento socialista (marxista ou anarquista) o poder é, melhor dizendo, uma qualidade inata da sociedade, prévia à diferenciação entre o que o exerce e o que o padece.

Para Foucault o poder não se dá nem se intercambia sem que exerça, e só existe um ato e, por outra parte não é principalmente mantimento e reprodução das relações econômicas e sim, antes de tudo, uma relação de forças. Estas afirmações levam-nos a perguntar-se em que consiste o exercício e a mecânica do poder. Tal pergunta encontra duas respostas no pensamento contemporâneo:

- 1) O poder é essencialmente repressão (dos instintos, do indivíduos, das classes)

- 2) O poder, como desenvolvimento de uma relação de forças deve ser analisado em termos de luta, de enfrentamento e de guerra, em lugar de se-lo em termos de contrato ou de mantimento das relações de produção.

A primeira hipótese corresponde a Freud e a Reich, mas pode remontar-se a Hegel. A segunda é a de Nietzsche, e resulta de uma inversão da tese de Clausewitz segundo a qual a política é a prolongação não sangrenta da guerra. Ainda que Foucault não diga, esta tese se remonta à sofística grega e é discutida, nada menos que por Platão na República, que refuta ali a Trásimaco.

Segundo o próprio Foucault, estas duas hipóteses (a da repressão e a da guerra) não são entre si incompatíveis e, inclusive parecem ajustar-se de um modo bastante verossímil porque, depois de tudo, a repressão é também uma consequência política da guerra. Da onde resulta que há dois grandes sistemas de análise do poder:

- 1) O esquema jurídico de contrato-opressão e
- 2) O esquema anti-jurídico de guerra-repressão.

É evidente que Foucault utiliza o segundo esquema que se vai principalmente da hipótese do poder como desenvolvimento de forças e que o analisa em termos de luta e de submissão, ainda quanto mais tarde revise dito esquema por considerá-lo insuficientemente elaborado, até o ponto de supor que as mesmas noções de guerra e de repressão devem ser modificadas ou, em último termo, abandonadas.

Mas o importante para mim, porque constitui o ponto de encontro e de desencontro do que eu penso com o pensamento de Foucault, é ter em conta o seguinte: Foucault não questiona a razão em si sem o emprego perigoso e ainda nefasto de outras racionalidades que melhor deveriam chamar-se "racionalizações". Do mesmo modo, tampouco se interessa - segundo bem disse Blanchot - pelo conceito de poder em geral, e sim pelas relações de poder, por sua formação, por sua especificidade, por sua apresentação.

O mérito das análises foucaultianas das relações de poder (e das instituições em que estas florescem: o manicômio, o cárcere, o hospital, o quartel, etc.) consiste precisamente em revelar a poliedricidade do poder, sua insuspeita capacidade de reproduzir-se nos diferentes departamentos da vida social, como invisível dinossauro que põe seus ovos até nas gavetas de nossa cozinha e nas estantes de nossa biblioteca.

Estas relações de poder e sua institucionalização haviam sido ignoradas quase inteiramente pela história, sociologia e a filosofia política até Foucault. Quase poderia dizer-se que este é o descobridor de um, até então ignorado, arquipélago de dominação-submissão, o explorador de uma temível galáxia de guerra-repressão que abrigamos no seio de nossa própria convivência.

Mas não podemos deixar de assinalar também nosso dissenso com Foucault, que consideramos nele criticável e limitante. Foucault descuidou-se, melhor dizendo, exclui sistematicamente em sua análise dos poderes, o poder central, o poder essencial e fundamental que é o poder do Estado, do qual deriva originalmente o poder econômico que, em segundo momento, o funda e o suporta.

A categoria de totalidade é criticada por Foucault com razão em relação ao seu uso significar a afirmação de pseudo-totalidades. Mas dita categoria é inescindível do pensar filosófico e, - se ressoar demasiado solene dirá que é conatural a todo pensar humano.

Como já via Parmênides e como não ignorava o próprio Heráclito "ser" é ser um e ser tudo.

O Estado, além disso, não é uma pseudo-totalidade. É pelo contrário, um todo sólido e agressivamente concreto, a raiz de toda agressividade.

O capitalismo que hoje funda o Estado tampouco é uma pseudo-totalidade. Sem ele, resultam incompreensíveis as relações de poder parcial (o hospital, a prisão, o manicômio, o quartel, a escola). Qualquer análise dos poderes particulares carece, em última instância, de sentido concreto e definitivo, se não se enquadra no marco do capitalismo e do estado.

O poder não surge de uma convenção, de um pacto ou de um contrato. É uma qualidade essencial de toda sociedade humana. Mas, na sociedade primitiva era um poder não dividido, internalizado homogeneamente em todos e cada um dos indivíduos. Em um momento dado, por razões que não podemos discutir agora, mas que têm a ver com a violência por um lado e com a covardia ou a preguiça por outro, o poder se fratura e nasce a sociedade dividida. Nasce o Estado como sociedade hierárquica e coativamente organizada, na qual há uma oposição radical e permanente entre o que manda e o que obedece. Esta estrutura gera imediata e necessariamente a propriedade privada, as diferenças de classe ou de casta, a dominação e a repressão em todas suas formas.

Nasce assim a História, que é a história da luta e do enfrentamento da dominação e da submissão, mas também concomitantemente a luta contra a dominação e contra a submissão, a inacabável pugna por reintegrar ao homem a sua unidade originária, a uma sociedade não dividida, a uma comunidade humana sem propriedade privada e sem Estado.

Renunciar à análise e à crítica do capitalismo e do estado é renunciar à utopia e é, em definitiva, renunciar à esperança.

Angel Cappelletti

Notícias Libertárias

1) Ainda tem muita gente boa e sincera que vota na esquerda e também milita nas entidades de movimentos populares (sindicatos, associações, coletivos, movimentos setoriais, étnicos, etc.). **Para estes companheiros, uma discussão franca, sincera e fraterna**, sobre o que está em jogo e como podemos avançar as lutas e interesses do povo no próximo governo burguês.

2) Sobre os políticos profissionais, basta dizer a verdade. A tal da classe política é uma parasita profissional, não serve para nada para a vida do povo e são a burguesia, o capital financeiro, os militares e mais tudo e todos os que nos oprimem e combatemos há mais de 500 anos. A pouca gente sincera e de esquerda nesse meio, termina anulada e corrompida, e contribui para legitimar esse sistema. **A classe política é inimiga da democracia direta e participativa, e é nossa inimiga.**

3) Todo esse processo, em si, também é viciado. Manipulações da mídia, risco de fraude eletrônica (na urna e no sistema eleitoral sob controle da ABIN), dinheiro jorrando do capital transnacional, uso da máquina pública, compra de votos e traições de todos os tipos, dentro e fora da elite. **As eleições burguesas são tudo menos democracia.**

4) Independente do que houver e de quem ganhar, **temos que manter e aumentar a combatividade, mobilização e nível de enfrentamento entre o povo e os opressores!** Autonomia e independência de classe com o Estado e os partidos legais (admitidos pela elite e o sistema).

5) A soberania, não do Estado, mas do povo brasileiro, está cada vez menor e ainda assim ameaçada. Nossas poucas economias estão sob controle dos bancos e dos especuladores. Nossa vida hoje está nas garras de agiotas e de piratas financeiros. **O que temos de ganhar na rua é um programa de sobrevivência imediata e enfrentamento ao imperialismo.** Isto significa: Não Pagar mais um centavo da Dívida Externa! Expulsar daqui o FMI e todos os especuladores! Moratória imediata da Dívida Interna! Expulsar os EUA da Base de Alcântara! Dizer não a ALCA e não assinar tratado algum!

6) Para respirarmos, **precisamos melhorar nossas condições básicas de sobrevivência.** Assim, para ganhar na rua também é: isenção de taxas de água e luz para desempregados! Frentes de trabalho imediatas! Passe livre para estudantes, desempregados e aposentados! Solidariedade com todas as lutas urbanas (título de posse das casas em áreas de favela e periferia)! Solidariedade com as lutas no campo (Reforma Agrária sem indenização aos latifundiários)!

O que nos diferencia hoje de outras correntes e forças políticas com programas imediatos, é que não somos loucos nem estúpidos de acreditar que estas conquistas são possíveis pela via eleitoral. Os movimentos populares precisam de um programa básico e unificador de lutas, gerador de solidariedades. Nós queremos contribuir com este esforço. Também temos a obrigação de denunciar a derrota política e a desmobilização necessárias para que a "esquerda" tenha chance de vencer o jogo da direita. Ganhar nas urnas para a classe perder! Avançar no legal-eleitoral para recuar na luta! Eis a armadilha.

É por isso que neste jogo sujo gritamos sempre: **VOTE NULO, digite 00 na urna da ABIN.** O povo não embarca nessa palhaçada de fingir tentar ser feliz a cada 4 anos. Nas ruas, favelas, bairros, fábricas, galpões, escolas, universidades, campos, matas, lixões, periferias, lares humildes, hospitais e locais de trabalho, a luta é todos os dias. Junto a nossa classe e como filhos do povo dedicamos nosso modesto mas dedicado esforço militante. Não queremos migalhas e parcelas do Poder Burguês! Queremos e estamos construindo o Poder Popular na luta do povo organizado!

**OU SE VOTA COM OS DE CIMA
OU SE LUTA COM OS DE BAIXO!!!**

CELIP: As atividades do CELIP estão temporariamente paralisadas em virtude da negativa da nova diretoria do IFCS/UFRJ em nos ceder uma sala para nossas reuniões às terças-feiras. Estamos procurando resolver esse entrave o mais rápido possível, de modo a voltarmos as nossas atividades semanais.

Biblioteca Social Fábio Luz: Está sendo concluída a organização (separação por temática, fichamento e cadastramento) do acervo libertário da nossa biblioteca, que continua a disposição dos/as interessados/as aos sábados, entre 9:00 e 17:00h, na Rua Torres Homem, 790, Vila Isabel, Rio de Janeiro. São algumas centenas de livros divididos em temas como Bakunin; Kropotkin; Malatesta; Proudhon; Obras de Edgar Rodrigues; Anarquismo e Revolução na Rússia; Anarquismo e Revolução na Espanha; Anarquismo no Brasil; Teoria Anarquista; Anarquismo na América Latina; Autogestão; entre outros. Visite, consulte, participe, colabore!

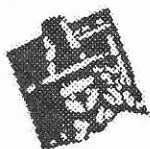
Evento libertário em Sampa: Será realizado em São Paulo, nos dias 9 e 10 de outubro, o evento *Espanha Libertária, autogestão e revolução*, com a presença dos companheiros Pascual González (ex-secretário da CNT/AIT espanhola e membro da Fundação Anselmo Lorenzo) e Frank Mintz (historiador especialista em Revolução Espanhola). No dia 9 haverá a exibição de filmes sobre a Revolução a partir das 14:00h no auditório do Banespa-PUC/SP e no dia 10, palestras pela manhã e a tarde, no auditório da COGEAE (Rua João Ramalho, 182). O evento está sendo organizado pelo Nu-Sol, Instituto de Estudos Libertários e Editora Imaginário.

Lançamentos: Serão lançados durante o evento os livros *Espanha Libertária, A Revolução Social contra o Fascismo* (Le Libertaire e Le Monde Libertaire); *Autogestão e Anarquismo* (Gaston Leval, René Barthier e Frank Mintz) e o livro do companheiro Alexandre Samis, *CLEVELÂNDIA, Anarquismo, Sindicalismo e Repressão Política no Brasil*, co-editado pela Achiamé. Também será lançado o 2º número da revista *Libertários*, com a temática *Miséria da Economia, Economia da Miséria*, com textos de Ronald Creagh, Miguel Chueca, Kropotkin, e outros.

Anarquismo na América Central: Travamos contato recente com o *Colectivo Anarquista Libertad y Solidaridad*, de San José (Costa Rica), que nos enviou seu informativo *Agitando Mentes*, cujo segundo número saiu em julho de 2002. Os companheiros realizam atividades de propaganda (palestras e debates) em parques públicos, bem como organizam um núcleo da *Cruz Negra Anarquista*. Contatos com Juan Pablo Hernández; 12926-1000; San José, Costa Rica ou panarko@yahoo.com. Recebermos também os zines *La Voz de Todos* (lavozdetodos@costarricense.cr) e *Fuerza Colectiva* (julio_core@hotmail.com), também da Costa Rica.

Grupo AFIM: Voltou a ativa em Natal o AFIM, que vem realizando debates, mesas redondas e grupos de estudos. Todo apoio aos companheiros! CP 2744; CEP 59025-970; Natal/RN.

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VÍDEO, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALIVRE, CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * RUPTURA/LEL, CP 4071. CEP 20001-970. RIO/RJ * CCS/SP, CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA, CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL, CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL, CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA, CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * ULBS, CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * FCL, CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI, CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * ORL, CP 1278. CEP 66017-970. BELEM/PA * MAP/BA, CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG, CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * CLG, CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * RP-SP, CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP * FACA, CP 1206. CEP 66017-970. BELEM/PA * AÇÃO ESTUDANTIL, CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * RP-RJ, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LUTA LIBERTÁRIA, CP 11.639. CEP 05059-970. SÃO PAULO/SP * CNA, CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * COM.LUT, CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * FL, CP 951. CEP 69010-970. MANAUS/AM * GIEPS, CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP * LIBELUTA, CP 1062. CEP 88330-970. CAMBÓRIU/SC * OPUSCULO LIBERTÁRIO, CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM, CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN



...AMORE MIO